

OBJETIVAÇÃO E SUBJETIVAÇÃO PELA LINGUAGEM TEATRAL NO CONTEXTO DE UM CURSO DE TEATRO

Graziele Aline Zonta*
Kátia Maheirie

O presente estudo, parte integrante de dissertação de mestrado em Psicologia na UFSC, apresenta uma análise dos sentidos atribuídos à prática teatral por alunos que iniciaram um curso de teatro, depois de adultos. Tal proposta compreendeu a investigação da motivação pela busca da prática teatral, a identificação dos sentidos que foram produzidos e modificados durante o curso de teatro e após o frequentarem; e a análise das implicações deste processo na constituição dos sujeitos participantes e na definição dos seus projetos de ser.

A partir da revisão teórica sobre a temática em questão, acolhe-se o conceito de projeto de ser como o movimento de objetivação e subjetivação que, amparado no passado, projeta o sujeito ao futuro, em função do sujeito que se deseja ser (Sartre, 1984). Neste contexto, a busca por práticas artísticas é abordada como estratégia que passa a constituir este projeto, conforme o sujeito é impulsionado por uma ausência, uma falta que se dirige ao campo dos possíveis, ou seja, ao campo das estratégias possíveis dentro da realidade social e histórica, num permanente processo de vir a ser (Sartre, 1984).

A prática artística é aqui concebida como criação cultural mediada por uma relação estética do sujeito com o mundo, relação esta pela qual o homem se eleva sobre o que tem de natural, encontrando na arte, uma possibilidade de criação. É nesta relação estética que o homem transforma a realidade concreta em realidade humana, satisfazendo uma necessidade de expressão e afirmação que não consegue satisfazer em outras formas de relação (Vazquez, 1978).

O teatro, por sua vez, enquanto fazer artístico específico, possibilita a relação estética mediada por uma forma característica de linguagem, pela qual o ator transcende o uso de palavras para comunicar sentimentos e pensamentos que se objetivam em seu corpo como signos não verbais. Enquanto prática social e histórica, o teatro carrega os significados do contexto no qual está inserido, possibilitando a construção de múltiplos sentidos singulares e

coletivos (Maheirie, 2003) e mediando a constituição do sujeito em relações de alteridade (Zanella, 2005).

O campo de pesquisa contemplou os momentos que antecederam o início de um curso livre de teatro para adultos na cidade de Curitiba-PR até o término do seu primeiro semestre. O curso em questão utilizava fundamentalmente para as aulas, o recurso dos jogos de improvisação teatral. Nestes jogos são apresentados problemas, definidos como objetos dos jogos, a serem solucionados por meio de regras estabelecidas em conjunto entre os jogadores/atores, no contexto ficcional do teatro. Os jogos de improvisação permitem a criação e apropriação, ao mesmo tempo, das habilidades necessárias ao próprio jogo, e à prática do ator. A plateia é neste enfoque fundamental para o trabalho com o aluno-ator, compondo-se de um grupo de pessoas com o qual se está compartilhando uma experiência (Spolin, 2001a, 2001b). No curso observado, além de os exercícios de jogos, foi realizada a criação e apresentação de uma peça teatral apresentada à comunidade da cidade, ao fim do semestre.

O principal instrumento de produção de informações para a pesquisa foi a entrevista em profundidade, procedimento que permite aos pesquisadores a compreensão de significados, perspectivas e interpretações que os entrevistados dão ao seu próprio contexto. É um processo em que intervêm tanto o entrevistador quanto o entrevistado para dar lugar a certos significados que só podem ser expressos e compreendidos neste momento de interação mútua (Olabuènaga, 1999). Dois alunos iniciantes do curso de teatro foram entrevistados em dois momentos: antes do início do curso e após o término do seu primeiro semestre, de maneira a propiciar um olhar sobre o processo vivenciado neste período.

A observação das aulas de teatro foi realizada como procedimento complementar de produção de informações por apresentar a possibilidade de compreender o contexto no qual os sentidos relatados durante as entrevistas foram produzidos.

Para a análise das informações optou-se pela análise de discurso utilizando-se para a discussão o referencial teórico da psicologia sócio-histórica. Destaca-se a consideração de que, assim como os sentidos se produzem e transformam no momento da entrevista, também o processo de relato das informações produzidas no campo implica em uma transformação do

discurso. Conforme bem destaca Amorim (2002), do ponto de vista bakhtiniano, o relato sempre difere da citação de campo, visto que o texto produzido pelo pesquisador sempre se constitui em um novo contexto. Neste sentido, assume-se que a análise do discurso se constitui na atribuição dos sentidos dos pesquisadores aos sentidos que os sujeitos atribuem a sua atividade, o que caracteriza a experiência de uma produção que é subjetiva e objetiva, ao mesmo tempo.

O principal ponto de motivação indicado pelos alunos entrevistados para a participação no curso de teatro foi a necessidade de diminuir a timidez, a dificuldade de comunicação e expressão experimentada em diversos contextos sociais. Neste sentido, a experiência da timidez, impulsionada pela possibilidade de sua superação em função de melhor qualidade de relacionamentos, possibilitou aos alunos encontrarem o teatro como estratégia mediadora dos seus projetos de ser. De acordo com suas falas, esta mediação é realizada no curso pelos professores e alunos que são colocados em atividades que trabalham a comunicação na linguagem teatral, pelo uso do corpo, da voz, dos jogos de improvisação.

A experiência de criação do personagem foi apreciada pelos alunos e significada como uma possibilidade de ser outra pessoa, de expressar-se como se fosse outro, mas sem deixar de ser a pessoa que é. Criar um personagem mostrou-se como possibilidade de fazer-se outro de si mesmo, um outro que é capaz de fazer o que em outros contextos não poderia ser feito: experimentar movimentos, falar, caminhar, mostrar-se diante da plateia de maneira singular, diferenciada, por meio da linguagem teatral. Esta experiência envolveu os alunos-atores em novas formas de comunicar e relacionar, apresentando novas possibilidades de ser, as quais foram acompanhadas por um processo de resignificação de si próprios enquanto sujeitos. Estes alunos reconheceram, então, a possibilidade de um novo lugar social, um lugar onde são vistos, ouvidos e atuantes, fazendo-se sujeitos entre sujeitos.

Considerou-se, portanto, que a prática teatral se apresentou aos alunos-atores como uma possibilidade de relação estética ao mobilizá-los afetivamente e oferecer-lhes condições de criação e significação das suas atividades e relações para além das situações cotidianas de existência. De maneira marcante, o curso de teatro foi considerado como um contexto de relações diferenciadas daquelas do trabalho, já que a experiência do teatro despertou

necessidades e possibilidades de expressão que o trabalho cotidiano não consegue satisfazer, despertando-lhes um novo olhar sobre suas vidas, e lançando-os para novos objetivos, entre eles, a possibilidade de atuar no teatro profissional. Ressalta-se, porém, que a nova perspectiva de futuro vai além da possibilidade de uma carreira profissional diferente, revelando-se no sentimento de existência de um novo sujeito possível.

Contudo, o aprendizado da linguagem teatral durante os jogos de improvisação e encenação do espetáculo não foi significado como um processo prazeroso na sua integridade, recebendo um caráter contraditório. Por um lado, os alunos identificaram os exercícios de improvisação como momentos de integração e diversão do grupo, sendo ainda determinantes para o reconhecimento do aluno-ator na sua capacidade de criação e interação no palco. Por outro lado, o aprendizado da linguagem teatral confrontou os alunos com suas próprias dificuldades, situação que foi acompanhada por uma preocupação intensa com o julgamento dos outros alunos-atores sobre o seu desempenho durante as atividades. A experiência proposta pelo teatro de possibilitar a expressão de maneira singular, de encontrar a sua maneira de posicionar-se em cena, foi substituída pela demanda do posicionamento alheio sobre qual seria a maneira correta de atuar no que se refere à fala, ao tom de voz, ao movimento diante da plateia, ou seja, ao suposto uso correto da linguagem teatral. Nestes momentos, portanto, o contexto teatral não foi compreendido como espaço ficcional de criação, aberto a percepção de detalhes e pontos de vista diferentes por parte dos espectadores e alunos-atores, mas como contexto para a produção de juízos de valor quanto ao desempenho individual, refletida na dificuldade de apropriação da linguagem teatral e criação, gerando o sentimento de constrangimento. A criação é um processo ativo e objetivo no qual se entrelaçam diferentes elementos, e no qual “a necessidade de criação nem sempre coincide com as possibilidades de criar” (Vygotski, 2003, p 54).

Esta questão pode ser aprofundada reconhecendo-se o papel da linguagem na configuração das relações (Smolka, 1995) sendo por meio dela que o outro dá ao eu as coordenadas de quem ele é, significando a si próprio (Pino, 2000). No contexto do curso de teatro, este mútuo-reconhecimento entre sujeitos ocorreu pela mediação tanto da linguagem verbal cotidiana, quanto pela linguagem teatral e foi ao reconhecerem que suas dificuldades eram também en-

frentadas pelos colegas que os alunos vislumbraram uma possibilidade de superação. A linguagem que evidencia as diferenças de desempenho entre os alunos, gerando constrangimentos, também evidencia o reconhecimento mútuo das semelhanças, das dificuldades e das possibilidades compartilhadas. Estes laços de reciprocidade permitiram a relativização do julgamento entre o certo e o errado, transformando o espaço teatral em um lugar para se “experimentar o absurdo”, conforme definiu um dos entrevistados.

As transformações impulsionadas pelo curso foram percebidas também fora do ambiente teatral, ampliadas para contextos cotidianos, de trabalho e familiar, sendo identificadas na forma de um melhor desempenho na comunicação, no sentimento de diminuição da timidez, na maior disponibilidade para os relacionamentos. Tais mudanças eram reconhecidas pelos alunos e, ao mesmo tempo, relatadas a eles pelas pessoas do seu convívio social, de modo que estas relações funcionaram como um “trampolim” para as suas perspectivas de futuro (Maheirie, 1994), confirmando-os nos seus projetos.

Como conclusão, destaca-se que o contexto do curso possibilitou o aprendizado da linguagem teatral, revelando-se na apropriação de uma nova forma de objetivação da subjetividade. A nova linguagem também se tornou meio de mediação de relações diferenciadas do cotidiano que permitiram o compartilhamento e a superação tanto das dificuldades anteriores ao curso quanto daquelas confrontadas durante o seu desenvolvimento. Deste modo, a experiência do curso afetou intensamente estes alunos, passando a mediar a busca pelos sujeitos que eles desejam ser.

Referências

Maheirie, K. (1994). *Agenor no mundo: um estudo psicossocial da identidade*. Florianópolis: Letras Contemporâneas.

Maheirie, K. (2003). Processo de criação no fazer musical: uma objetivação da subjetividade, a partir dos trabalhos de Sartre e Vygotsky. *Psicologia em Estudo*, 8(2), 147-153.

Olabuénaga, J. I. R. (1999). *Metodologia de la investigación cualitativa*. Bilbao: Universidad de Deusto.

Sartre, J. P. (1984). Questão de método. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural.

Smolka, A. L. B. (1995). A concepção de linguagem como instrumento: um questionamento sobre práticas discursivas e educação formal. *Temas em Psicologia*, 2, 11-21.

Amorim, M. (2002). Vozes e silêncio no texto de pesquisa em ciências humanas. *Cadernos de pesquisa*, 16, 7-19.

Pino, A. (2000). O social e o cultural na obra de Vigotski. *Educação e Sociedade*, 21(71), 45-78.

Spolin, V. (2001a). *Improvisação para o teatro*. São Paulo: Perspectiva.

Spolin, V. (2001b). *O jogo teatral no livro do diretor*. São Paulo: Perspectiva.

Vázquez, A. S. (1978). *As idéias estéticas de Marx*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Vygotski, L. S. (2003). *Imaginación y creación em la edad infantil*. Buenos Aires: Nuestra América.

Zanella, A. V. (2005) Sujeito e alteridade: considerações a partir da psicologia historicocultural. *Psicologia e Sociedade*, 17 (2), 99-104.